

# FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NESSE SUBCAMPO ESPORTIVO

DETONI, Heloisa Occhi<sup>1</sup>  
AGGIO, Marina Toscano<sup>2</sup>  
FIGUERÔA, Katiuscia Mello<sup>3</sup>

## RESUMO

Fundamentado nos estudos histórico-culturais sobre a trajetória das mulheres na sociedade brasileira e nos esportes, o objetivo principal desse estudo foi realizar um levantamento dos problemas que ainda são observados no que se refere à participação feminina no futebol a partir das falas das próprias atletas ou ex-atletas. Como objetivos específicos, foram estabelecidos: selecionar e assistir a vídeos referentes às problemáticas do futebol feminino na atualidade; organizar e analisar as informações coletadas por meio de tais vídeos. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e exploratório e, para isso, foram realizadas buscas em uma plataforma pública e gratuita de compartilhamento de vídeos (*YouTube*). A partir da análise dos dados coletados, foi possível compreender que problemas como condições de trabalho, falta de profissionalismo, invisibilidade, preconceito, desrespeito e falta de incentivo são alguns dos desafios que ainda persistem na modalidade. Tais dificuldades permitem visualizar como o futebol feminino permanece sendo desrespeitado e desvalorizado no âmbito nacional, considerado um esporte praticado e incentivado prioritariamente para o gênero masculino. As considerações finais apontam que se torna primordial a sensibilidade dos clubes, federações e principalmente da CBF frente à temática, bem como para a necessidade de promoção de políticas públicas e planejamentos estruturais, a longo prazo, que contribuam para a diminuição da desigualdade de gênero e, conseqüentemente, para a evolução coletiva e solidária da modalidade.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino. Mulher. Esporte. Desafios. Dificuldades.

## 1. INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que o preconceito e a discriminação contra a mulher fazem parte da história (SCOTT, 1995; LOURO, 2004) e, em decorrência disso, temos que, em todas as esferas da vida, incluída a esportiva, são discutidas questões referentes ao gênero (FIGUERÔA; MORAES E SILVA, 2014).

Por muitos anos, a mulher foi proibida de participar em atividades esportivas

---

<sup>1</sup> Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Educação Física. RU: 1748884.

<sup>2</sup> Professora Coorientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

<sup>3</sup> Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

devido à ideia de que era frágil, não tinha capacidade biológica para tal, deveria se resguardar para cumprir o papel de mãe e esposa ou de que se masculinizaria (MORAES E SILVA; FONTOURA, 2011). Hoje, vemos um cenário em que as mulheres ocupam cada vez mais o espaço esportivo e competem em diversas modalidades. No entanto, podemos perceber, a partir bibliografia específica e de manifestações públicas de atletas, fatos comuns nas redes sociais, que a mulher ainda não é tratada com equidade nessa esfera, o que também afeta o futebol.

Diante disso, buscamos responder nesse artigo à seguinte questão: quais são os principais problemas vivenciados por mulheres atletas e ex-atletas de futebol no que se refere à participação feminina nessa modalidade no Brasil? Para responder a tal questionamento, estabelecemos como objetivo realizar um levantamento dos problemas que ainda são observados no que se refere à participação feminina nessa modalidade a partir das falas das próprias atletas ou ex-atletas, participantes em entrevistas disponibilizadas na *internet*. Como objetivos específicos, colocamos: selecionar e assistir a vídeos públicos e gratuitos sobre a temática proposta disponibilizados na *internet*; organizar as informações coletadas em categorias e tabelas; analisar as falas referentes à temática do estudo dos envolvidos no vídeo e aproximar do referencial teórico levantado.

A escolha do tema tem relação com interesses de pesquisa das autoras, traduzidos pela tríade “mulher – esporte – futebol” e pela necessidade de se colocar esse tema sempre em pauta para que os problemas que ainda existem nessa esfera sejam lembrados e discutidos. Além disso, duas das autoras possuem uma estreita relação com a modalidade, a qual praticaram profissionalmente ao longo de suas vidas, uma delas, inclusive, teve passagens pela Europa e Seleção Brasileira de Futebol.

No que se refere à metodologia, Demo (1994) a define como algo que possibilitará a definição dos passos metodológicos determinantes do caminho que o pesquisador vai seguir, identificar as partes, métodos, técnicas, leituras, discussões e a base teórica a serem trilhadas durante a busca. O questionamento deve ser sempre o método da pesquisa.

O estudo teve cunho qualitativo e exploratório. Foram realizadas buscas em uma plataforma pública e gratuita de compartilhamento de vídeos (*YouTube*),

especificamente a partir do canal “Ludopédio<sup>4</sup>”, escolhido por ser reconhecido por sua ampla e relevante produção referente ao futebol – o grupo conta com um *site* de conteúdos diversos sobre tema<sup>5</sup> (desde 2009) e o citado canal de compartilhamento de vídeos (desde 2010). Foram selecionados alguns vídeos devido à sua relação com o tema mulher e/no futebol e, para a seleção final, elegeram-se dois vídeos que foram protagonizados por referências femininas na modalidade em questão e que abordassem os problemas e dificuldades impostas às mulheres nessa esfera. Na sequência, os vídeos foram analisados e foram sistematizados quadros com os seguintes dados: Título da entrevista; entrevistada(s); mês e ano de realização; duração da entrevista; número de visualizações; problemas citados; motivos para que ocorram; consequências do problema; possíveis soluções ou reivindicações. Os dados foram categorizados como: 1. Descrição dos vídeos e 2. Caracterização dos problemas. Ao longo do artigo, as entrevistadas foram denominadas como *Atleta A*, *Atleta B* e *Ex-Atleta C*, além de uma pesquisadora do tema e uma jornalista. Utilizou-se, ainda, revisão bibliográfica referente à mulher no âmbito esportivo e, em especial, no futebolístico.

## 2. DESIGUALDADES DE GÊNERO E O FUTEBOL

As questões de gênero existem bem antes de propriamente o futebol surgir ou ser praticado seja ele por homens ou mulheres, antes mesmo de haver essa divisão dentro do esporte, já aconteciam fatos de desigualdade que foram historicamente registrados, conforme o trecho a seguir

Historicamente, identifica-se uma maior apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais. Este é um processo que resulta em diferentes formas opressivas, submetendo as mulheres a relações de dominação, violência e violação dos seus direitos. Poder e visibilidade são construtos históricos, determinados na e pelas relações sociais. Em cada conjuntura sócio-histórica é preciso, portanto, analisar os elementos de determinação do ponto de vista econômico, político e cultural que incidem na vida cotidiana dos indivíduos e estruturam valores, modos de pensar, de ser e agir. (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p. 12).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/ludopediofutebol>. Acesso em 09 dez. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada-categoria/ludopedio/>. Acesso em 09 dez. 2020.

Diante desses fatos a mulher sofreu desde os primórdios nesse ponto, como podemos identificar a classe masculina sempre teve privilégios se referindo a profissões, cargos políticos, dominância dentro das famílias, entre outros. Por ser considerado o sexo forte o homem sempre se sentiu no direito de exercer seu poder de masculinidade acima da mulher, determinada como sexo frágil, essas questões históricas foram cruciais para que a mulher se sentisse submetida ao homem em praticamente todos os lugares, sejam eles nas famílias, cargos políticos, empresas ou propriamente no esporte, causando forte impacto cultural, principalmente se considerarmos especificamente o futebol, onde as mulheres ainda batalham por conquistas e pela diminuição das desigualdades.

Considerando essas questões especificamente dentro do futebol, podemos citar como fundamental o desenvolvimento e incentivo para as meninas praticarem esportes na iniciação, se referindo a educação física por ser uma disciplina curricular obrigatória, permitindo acesso a todos, se faz necessário que as meninas pratiquem esportes nas escolas e sejam orientadas há isso, em alguns casos a classe feminina acaba se sentindo excluída das aulas por não se sentirem confortáveis e sociáveis com os meninos, do mesmo modo em determinadas turmas e faixas etárias é comum vermos meninos não aceitando a participação feminina dentro das aulas principalmente nos esportes que já possuem a questão cultural masculinizada, nesse sentido se torna crucial o papel da escola e dos profissionais presentes nela, para que interfiram de forma positiva e correta, agregando conhecimentos e possibilitando a prática de esporte a todos, independente se determinados esportes são pré-definidos como de meninos ou de meninas. Nesse sentido, Aggio (2015) aponta que

O futebol bem como outros esportes nas escolas ganhou outras dimensões pedagógicas e devido às influências de cunho tecnicista e tradicionalista que a Educação Física sofreu ao longo da história, passou a ser desenvolvido objetivando a técnica e evidenciando uma prática maior, do gênero masculino, a qual se edificou pelos processos biológicos, históricos e culturais no Brasil. (AGGIO, 2015, p. 34).

Diante dessas considerações se faz importante ressaltarmos o quão as questões de gênero influenciaram historicamente na questão cultural bloqueando a mulher de ser e fazer o que ela quisesse, interferindo negativamente no processo de conquistas, destacando principalmente das mulheres inseridas no esporte e neste caso no futebol. Por meio disso se torna necessário uma desconstrução cultural para que as novas gerações cresçam e desenvolvam pensamentos mais empáticos e

solidários permitindo-nos viver em uma sociedade que ocorram menos pré-julgamentos, preconceitos e desrespeitos de modo geral.

## **2.1 Futebol feminino no Brasil: uma história com poucas páginas**

O Brasil é conhecido mundialmente como o “país do futebol”, mais precisamente, “do futebol masculino”, afinal somos pentacampeões mundiais. No entanto, você já se perguntou por que somos o país do futebol masculino, e não do futebol feminino? Nos estudos sobre a história das mulheres no Brasil é possível encontrarmos respostas plausíveis sobre essas diferentes trajetórias do futebol masculino e feminino no país.

De acordo com Duby e Perrot (1995, p. 7), “as mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da História”. Não muito longe dessa realidade social, no mundo esportivo, Castellani Filho (1988, p. 61) destaca que, em 1941, o Conselho Nacional de desportos (CND), por meio do Decreto-lei 3.199, no artigo 54, declara que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para esse efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Com isso, diversos esportes em sua vertente feminina foram proibidos de evoluir no país e o futebol, estava entre eles.

A modalidade, que entre as décadas de 1930 e 1940 ensaiava os primeiros chutes nas praias da cidade do Rio de Janeiro (SALLES *et al.*, 1996; GOELLNER, 2006), não conseguiu dar os primeiros passos e “morreu na praia”. Mais enfático, em 1965, em plena ditadura militar, o “Conselho Nacional de Desportos (CND) passou a proibir a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de areia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (CASTELANNI FILHO, 1998, p. 63). Somando as duas leis, tivemos quase quarenta anos de proibição de futebol para mulheres no país. Enquanto isso, o futebol masculino tornava-se tricampeão mundial em 1970, no México.

A história do futebol feminino no Brasil é contada definitivamente a partir de 1980, com o Esporte Clube Radar, time da cidade do Rio de Janeiro. A equipe não somente obtinha resultados significativos no estadual, como também era a base da Seleção Brasileira de futebol em 1988 (SALLES *et al.*, 1996).

Para compreender melhor a evolução do futebol feminino no país, traçamos

uma linha do tempo que pudesse destacar as principais iniciativas das entidades internacionais e nacionais. A Federação Internacional de Futebol, mais conhecida como FIFA, promoveu a primeira Copa do Mundo na China, em 1991. Na sequência, em 1996, o Comitê Olímpico Internacional (COI), realizou na cidade de Atlanta, a primeira Olimpíada com a participação das mulheres no futebol. Esses dois grandes eventos marcaram a inclusão do esporte nas competições oficiais, abrindo portas para as categorias de base da modalidade.

No século XXI, pode-se dizer que a modalidade foi da proibição à obrigação. Fizemos um recorte na história para destacar que, em 2019, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) responsável por organizar o futebol no Continente, decretou que todos os clubes da série A do campeonato brasileiro organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) fossem obrigados a montarem a equipe adulta e categoria de base feminina para disputarem os campeonatos oficiais da modalidade. Essa regra também funciona para os clubes que participaram da Libertadores e Sul-Americana do mesmo ano.

Já no ano de 2020, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino foi organizado com 16 clubes da série A 1, sendo que os quatro últimos classificados, são rebaixados para a série A 2. A série A 2 conta com 36 equipes, sendo que os 4 primeiros sobem para a série A 1 do Campeonato Brasileiro. Além disso, a CBF também organiza campeonatos de categorias Sub-20, Sub-18, Sub-17, Sub-16 e Sub-14.

Outra grande conquista na categoria está sendo comemorada com a iniciativa da (CBF) foi possibilitar às mulheres exercerem os cargos de treinadoras, gestoras e supervisoras nas categorias da seleção brasileira. Essas conquistas iniciaram em 2012 com a contratação da treinadora Emily Lima para o cargo de comandante da seleção Sub-17 e desde então, a cada ano observamos mais mulheres assumindo os comandos dos clubes no país (CBF, 2017c). Ainda em 2020, presenciamos mais duas grandes conquistas na modalidade: a ex-atleta de futebol Aline Pelegrini assumiu a função Supervisora do Futebol Feminino juntamente com a ex-atleta de futebol Duda Luizelli, que é responsável pela coordenação das Seleções Femininas (CBF, 2020a).

No campo financeiro também tivemos novidades. A CBF anunciou que, a partir de 2020, as mulheres que representassem as seleções, receberiam o mesmo valor de diárias que os homens, assim como as premiações destinadas às etapas das Olimpíadas, conforme destaca Rogério Caboclo, presidente da entidade (CBF,

2020b).

Dessa forma, a história do futebol feminino no Brasil não possui uma narração pautada em grandes e significativas evoluções ao longo dos séculos e, assim como em outros ambientes sociais, a mulher busca o seu espaço.

A seguir, serão apresentados nos quadros 1 e 2 e no texto, os dados coletados sobre os principais problemas vivenciados por mulheres atletas e ex-atletas de futebol no que se refere à participação feminina nessa modalidade no Brasil.

Quadro 1. Descrição dos vídeos

<b>Título</b>	<b>Entrevistada(s)</b>	<b>Mês/ano</b>	<b>Duração</b>	<b>Visualizações</b>
Futebol de mulheres: profissão ou ocupação?	Atleta A Ex-atleta C	Nov./2020	01:29:35	101
Trabalhadoras da bola	<i>Atleta B</i>	Nov./2020	01:40:32	155

Fonte: elaborada pelas autoras

Quadro 2. Caracterização dos problemas

<b>Problemas citados</b>	<b>Motivos para que ocorram</b>	<b>Consequências do problema</b>	<b>Possíveis soluções ou reivindicações</b>
A não profissionalização.	Desvalorização da modalidade e da mulher como esportista.	Não possuir garantia de contrato, fonte de renda confiável e direitos trabalhistas.	Que todos os clubes assinassem a carteira das jogadoras como atletas profissionais.
Reinvidicações não atendidas.	A maioria dos gestores de clubes não se importam com as condições das atletas.	Continuar na mesma, os mesmos problemas de antigamente são encontrados atualmente nos clubes.	Criar um sindicato das atletas e unir os clubes em prol do mesmo propósito.
Invisibilidade	Falta de investimentos da mídia e dos próprios clubes e federações.	Quanto maior a invisibilidade, maior o desconhecimento e desvalorização da modalidade.	Que as mídias tradicionais olhem para a modalidade, com uma visão ética e moral para ajudar a se desenvolver.
Preconceito	Questão cultural: Futebol é somente para homens; a mulher não deve praticar esportes	Desrespeito pela classe das mulheres e impedimento para que busquem seus direitos.	Desmistificar a questão cultural de que futebol é somente para homens e assegurar os direitos das mulheres.

	de força física elevada.		
Estruturas Precárias	Falta de investimentos dos clubes e federações.	Na maioria dos clubes, as mulheres não têm a mínima condição de trabalho (estrutura e materiais).	Que os clubes forneçam estruturas adequadas, citando os times que possuem futebol masculino que as meninas possam usufruir das mesmas condições.
Busca por direitos	Não possuir condições de trabalho.	As meninas que tentam buscar seus direitos sofrem represálias e têm até contratos rescindidos.	Que os clubes forneçam os devidos direitos às atletas, como qualquer outra profissão possui.
Falta de um planejamento de carreira.	Não possuir orientação de carreira de clubes e familiares.	Muita dificuldade no pós-carreira, pois a maioria das meninas não conseguem uma independência financeira durante a carreira e após encerrar ficam desorientadas.	Os clubes poderiam firmar parcerias com universidades e orientar as atletas a se profissionalizarem em outras áreas.
Calendário de jogos limitados.	Poucos campeonatos durante a temporada.	Após a participação dos clubes, as jogadoras são dispensadas e ficam desempregadas.	Ter um calendário maior com mais possibilidades, principalmente para os clubes menores. Incluir projetos políticos e estruturais das federações e CBF.
Pouco incentivo e criação de categorias de base.	Não há incentivo e estrutura para o treinamento de base; os clubes não investem na base devido à desvalorização do produto jogadora dentro do mercado (o valor de transferência nem se compara	Muitas atletas chegam ao profissional sem ter tido base nenhuma o que ocasiona muitas dispensas dos clubes devido à menina não estar pronta e não ter tempo e estrutura necessários para evoluir.	O incentivo deve começar nas escolas, na educação física, nos campos de várzea e na criação de novas escolinhas femininas para que o acesso ao futebol e estrutura adequada para se desenvolver dentro da modalidade e diminuir as

	ao do masculino).		desigualdades de gênero seja facilitado.
Alimentação precária	Muitos clubes não fornecem alimentos necessários, nem mesmo frutas ou lanches e em determinados casos, nem água.	Não existe condição de se treinar ou jogar em alto rendimento sem alimentação e hidratação adequada.	A CBF precisa intervir pois é a entidade que rege o futebol no Brasil. As federações e os times de camisa <sup>6</sup> deveriam se unir em busca da evolução da modalidade e não possuir pensamento individual.
Dificuldade em ter mulheres, principalmente ex-jogadoras, em cargos importantes dentro dos clubes.	Devido à cultura do machismo, a mulher é considerada desqualificada para assumir cargos, principalmente dentro de um esporte tão masculinizado.	Sem mulheres nesses cargos, como gestão e comissões técnicas, dificulta-se o processo de melhorias na modalidade.	Valorizar e envolver as ex-atletas e pioneiras do futebol feminino no Brasil em cargos em clubes, federações e na CBF, para que possam transmitir suas experiências, pois elas já vivenciaram diversas situações e poderiam contribuir para o crescimento da categoria.

Fonte: elaborada pelas autoras

Os dados coletados por meio dos relatos de atletas e ex-atletas com trajetórias construídas dentro do futebol, nos permitiram observar as infinitas barreiras enfrentadas pelas mulheres que buscam viver desse esporte no Brasil e, a partir disso, pudemos compreender melhor de que forma essas dificuldades influenciaram no desenvolvimento da modalidade.

Considerando os relatos das *Atletas A*, *Atleta B* e *ex-atleta C* e suas vivências no esporte, identificamos que os problemas citados são, de modo geral, interdependentes. As três mencionaram desafios em comum. Entre os mais citados, estão as questões de estrutura, condições de trabalho, falta de profissionalismo, invisibilidade, preconceito, falta de incentivo entre outros (quadro 2). Ressalta-se também, que os mesmos problemas destacados pela *ex-atleta C*, nas décadas de 80 e 90, ainda persistem no cenário atual, inclusive, ela apontou como um fator

<sup>6</sup>Times renomados, consolidados e com maiores investimentos dentro da modalidade.

determinante os clubes masculinos não assumirem as equipes femininas, muitas vezes fazendo parcerias para se livrarem das responsabilidades de gerir as equipes, não possuindo incentivos próprios para ajudarem a alavancar a modalidade (*Ex-atleta C*, 2020c).

Destaca-se, nesse aspecto, a percepção das atletas frente aos desafios encontrados no futebol feminino, entendendo como inadmissível que mulheres que pertencem à modalidade suportassem total descaso dentro do seu ambiente de trabalho, não possuindo alimentação adequada, água e, em alguns casos, nem banheiros disponíveis durante seus treinamentos. Infelizmente, nos deparamos com muitos clubes que apenas emprestam o nome e o uniforme da instituição para que as atletas participem de campeonatos e as tratam como se fossem objetos descartáveis sem valor algum e, após os campeonatos, simplesmente as dispensam, desrespeitando-as e ceifando sonhos. *A Atleta B* (2020d, on-line) desabafou em uma de suas falas:

A gente usa a camisa do CATS, mas pouca coisa o clube nos ajuda, mais a comissão técnica mesmo, é pela vontade, as atletas estão sem ganhar nada, ninguém tem salário, ninguém tem condução, a gente não tem roupa de treino, a gente não tem apoio nenhum do clube né? Do clube, simplesmente a gente usa o nome pra participar do campeonato paulista porque a gente acredita que é uma oportunidade para as meninas mais novas.

Analisando os discursos das jogadoras, foi possível verificarmos que a falta de apoio, incentivo, respeito e valorização da modalidade sempre estiveram vinculadas à questão cultural do machismo e do preconceito de modo geral. Borges (2014, on-line), afirma, “Em um país machista e preconceituoso que nunca acreditou, aceitou ou investiu de verdade no futebol feminino, é muito difícil para nós sonhar”. É comum encontrarmos atletas que, em algum momento da carreira, foram chamadas de “mulher macho” ou foram induzidas a acreditarem que futebol era somente para homens e que lugar de mulher era exclusivamente dentro de casa, sendo responsáveis apenas pelos afazeres domésticos e pela maternidade. Atrelados a esses aspectos culturais, ainda podemos realçar as dificuldades que as mulheres passam para conquistarem cargos expressivos dentro do esporte. Raramente nos deparamos com mulheres no comando e em comissões técnicas de equipes ou na gestão – o que também ocorre quando falamos da arbitragem. Infelizmente, ainda persistem pensamentos retrógrados da época em que a proibição era um verdadeiro

cativeiro para as que apreciavam a modalidade.

A invisibilidade da categoria ainda se faz muito presente, podemos confirmar verificando os dados de visualizações das entrevistas (*tabela 1*). Santos (2018), destaca que mesmo com a saída da Seleção Brasileira masculina da Copa do Mundo, as transmissões de jogos continuaram, entretanto isso não acontece com jogos femininos, as emissoras não possuem interesses em transmitir pois acreditam não gerar audiência, impossibilitando que o futebol feminino tenha espaço nas redes de comunicações e chegue até a casa dos brasileiros. Ainda segundo Santos (2018, on-line), “Parte dessa invisibilidade se dá pela entidade que gerencia a modalidade, não existe o interesse em criar ações que traga mudanças na visão cultural que existe sobre a mulher na prática do futebol e sobre o espaço da mulher na sociedade”.

A falta de investimentos da mídia, federações e dos clubes escancaram o desconhecimento da modalidade, a ausência de campeonatos importantes nas emissoras tradicionais camuflam a evolução da mulher dentro do esporte, não permitindo que ela possa conquistar seus direitos e expor suas reivindicações. Alguns veículos de comunicação ainda transmitem a imagem da mulher como objeto sexual, não admitindo que seja avaliada pelas suas qualidades e conquistas dentro do esporte, por outro lado o futebol masculino transborda reconhecimento e valores astronômicos, enquanto o feminino fica à margem, lutando para ter condições mínimas de trabalho, e pasmem, essas reivindicações são caracterizadas apenas por alojamentos apropriados, alimentação adequada, materiais de treino e uma ajuda de custo, condições que estão longe da realidade do futebol feminino na grande maioria das equipes. Nesse sentido, *Atleta A* (2020c, on-line) afirma:

Comecei a deixar um pouco de lado a carreira de futebol pela necessidade de estar em outros espaços. Quando eu tinha 17 anos era bem mais escasso e aí a gente vem nesse parâmetro de lutar pelo o que a gente gosta, mas também tem a necessidade de comer e de outras coisas.

Apesar de tudo isso, o futebol feminino continua caminhando, ainda que a passos lentos e com as perspectivas incertas. Nesse cenário, as atletas destacaram como possíveis soluções, fomentar a cultura da modalidade para que aconteça a profissionalização dos clubes, aumentar o calendário de jogos, formar novas categorias de base e escolinhas femininas, estimular o futebol nas aulas de educação física, juntamente com campeonatos para expandir e impulsionar a modalidade desde

a infância das meninas, possibilitando que a nova geração chegue à categoria adulta preparada e com seus direitos assegurados para que não precisem aceitar migalhas e serem humilhadas diariamente em seu ambiente de trabalho, enfrentando as mesmas dificuldades e superando as mesmas barreiras que as pioneiras enfrentaram e que persistem há 40 anos. Além disso, a entrevistada e pesquisadora Silvana Goellner citou como fundamental a consciência de classe das atletas e cobrou a promoção de políticas públicas e planejamentos estruturais, a longo prazo, que contribuam para a diminuição da desigualdade de gêneros e, conseqüentemente, para a evolução coletiva e solidária da modalidade (GOELLNER, 2020e).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se, com este estudo, analisar quais são os principais problemas vivenciados por mulheres atletas e ex-atletas de futebol no que se refere à participação feminina nessa modalidade no Brasil, por meio do levantamento dos problemas que ainda são observados a partir das falas das próprias atletas ou ex-atletas, participantes em entrevistas disponibilizadas na *internet*. Após a seleção e análise do material de pesquisa, sistematizamos as informações em tabelas, destacando os principais desafios enfrentados pela classe feminina referente ao futebol no Brasil.

Verificou-se que os problemas mais destacados continuam sendo os mesmos enfrentados nas décadas de 80 e 90: questões como estrutura precárias, condições de trabalho, falta de profissionalismo, invisibilidade, preconceito, desrespeito e falta de incentivo. Seguindo nessa linha, foi possível compreendermos que os desafios são interdependentes.

Tais dificuldades nos permitiram visualizar como o futebol feminino permanece sendo desrespeitado e desvalorizado no âmbito nacional, considerado um esporte exclusivo para a classe masculina. Os olhares preconceituosos continuam por todas as partes, não havendo aceitação para que a modalidade feminina se desenvolva e conquiste o espaço que merece no cenário nacional. Nesse sentido, cabe a nós, mulheres, nos unirmos e não desistirmos de carregar essa bandeira de tantas histórias, lutas e poucas glórias, até o momento.

Para concluirmos, destacamos que é primordial a sensibilidade dos clubes, federações e principalmente da CBF frente à classe feminina para que haja projetos

concretos, que sejam colocados em prática e tenham como objetivos exclusivos a valorização e desenvolvimento da modalidade, sem interesses externos que prejudiquem o crescimento do esporte no Brasil. Faz-se necessário também que tenham mais estudos e aprofundamentos nesse campo, haja visto que quanto mais pesquisadores nessa área, mais visibilidade e conhecimentos serão repassados ao público, e assim os problemas atuais podem diminuir e evoluir com o passar dos anos, obtendo uma melhor compreensão e aceitação da sociedade.

Dessa maneira é imprescindível que as atletas chutem para escanteio os preconceitos estabelecidos de forma definitiva e superem cada degrau com maestria, para que possam findar essa árdua luta com um chute de classe, marcando um golaço e coroando-a com medalha de ouro.

## REFERÊNCIAS

AGGIO, M, T. **O olhar feminino sobre o futebol**: das questões de gênero à reestruturação do habitus no interior da escola. 2015. Dissertação (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) - Centro Universitário de Araraquara – UNIARA. São Paulo, p. 34. 2015.

BORGES, L. **Manifesto do futebol feminino**: “em crise desde que nasceu”. 14 ago. 2014. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/blogdoboieiro/blog/2014/08/14/estrelas-do-futebol-feminino-lancam-manifesto-nuas-e-cruas/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

CASTELANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: A História que não se conta. 6. ed. Campinas: Papirus, 1988.

CBF. **CBF apresenta Aline Pellegrino e Duda Luizelli como novas coordenadoras de futebol feminino**. Assessoria da CBF, Rio de Janeiro, 02 set. 2020a. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/rogerio-caboclo-coordenadoras-selecao-e-de-competicoes-femininas>. Acesso em: 03 dez. 2020.

CBF. **CBF equipara diárias e premiações pagas às Seleções Brasileiras**. Seleção Feminina Principal, Rio de Janeiro, 02 set. 2020b. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CBF. **Emily Lima e o trabalho à frente da Seleção Brasileira**. Assessoria CBF, Rio de Janeiro, 10 maio 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/somos-futebol/emily-lima-e-o-trabalho-na-selecao-brasileira>. Acesso em: 06 dez. 2020.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

DUBY, G.; PERROT, M. (orgs.) **Escrever a História das Mulheres**. In: THÉBAUD, F. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

FIGUERÔA, K. M.; MORAES E SILVA, Marcelo. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 16-31, set. 2014.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2004.

LUDOPÉDIO. **#PorOutroFutebol de mulheres com Elane (seleção Brasileira) e Mariana Andrade (Nacional)**. Novembro, 2020c. Disponível em: <https://youtu.be/wzeRJbVzHZw>. Acesso em: 03 dez. 2020.

LUDOPÉDIO. **#PorOutroFutebol com a jogadora Nini Baciega**. Novembro, 2020d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KPLoYBEACnA>. Acesso em: 02 dez. 2020.

LUDOPÉDIO. **Ludopédio em casa #3 com Silvana Goellner e Lu Castro | Futebol Feminino**. Abril, 2020e. Disponível em: [https://youtu.be/IWEEEn\\_0Vhbw](https://youtu.be/IWEEEn_0Vhbw). Acesso em: 03 dez. 2020.

MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M. P. **Educação do corpo feminino: um estudo na**

Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Rev. bras. educ. fís. Esporte** (Impr.), São Paulo, v. 25, n. 2, p. 263-275, Jun. 2011.

SANTOS, P. **O Sonho da Profissionalização no Futebol Feminino**. Reverso Online, Bahia 20 jul.2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/reverso/o-sonho-da-profissionalizacao-no-futebol-feminino/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

SALLES, J. G. C; SILVA, M. C. P; COSTA, M. M. A mulher e o futebol, significados históricos. In: VOTRE, S. (Org.). **A representação social da mulher na Educação Física e no esporte**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1996, p. 79-94.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 71-99, jul./dez. 1995.

OLIVEIRA, L; SANTOS, S.M.M. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 13, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2010